

QUEM CALA CONSENTE? – UM ESBOÇO DA REALIDADE CONCRETA DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO PROJETO DE EXTENSÃO E DE INCLUSÃO SOCIAL DA COMUNIDADE CAMPINHO

Autores diversos *

Resumo

A partir das experiências vividas entre os integrantes do projeto de extensão e pesquisa “Inclusão Social da comunidade Campinho”, registradas em desenhos e diário de campo, propõe-se uma reflexão crítica acerca das formas de inserção das crianças dessa comunidade no projeto, bem como a situação em que se encontra o trabalho desenvolvido.

Palavras-chave: Comunidade Campinho. Construção de autonomia. Crianças.

SITUANDO O PROJETO DE INCLUSÃO SOCIAL DA COMUNIDADE CAMPINHO NO CONTEXTO HISTÓRICO

O final do século XIX foi marcado por um período de mudanças significativas na sociedade capitalista. Observa-se a transição do capitalismo concorrencial para o monopolista, e essa alteração promoveu toda uma reorganização da sociedade,

* Autores deste artigo:

- Adriana Pereira Bento - Acadêmica em Serviço Social pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Cátia Pereira Duarte - Doutoranda em Educação Física pela Universidade Gama Filho, docente do Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF e orientadora e coordenadora do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Cristiane Schumann Silva - Graduada em Psicologia e pós-graduanda em Políticas e Pesquisas em Saúde Coletiva pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Deise Moura de Oliveira - Graduada em Enfermagem, especialista em Saúde da Família pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Denise Alencar Donisete - Graduada em Serviço Social. mestre em Serviço Social pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Edith Carolina Tavares - Acadêmica em Educação Física pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Gabriel Resgala Silva - Graduado em Psicologia, especialista em Políticas e Pesquisa em Saúde Coletiva pela UFJF. Mestrando em Ciência da Religião pela UFJF, integrante do Projeto de extensão e pesquisa “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Gustavo Resgala Silva - Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Luis Vinícius do Nascimento - Acadêmico em Psicologia pela UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.
- Maraisa Fuscaldi - Acadêmica em Educação Física da UFJF, integrante do Projeto “Inclusão Social da comunidade Campinho”.

na medida em que este prima pelo o acréscimo dos lucros capitalistas através do controle dos mercados¹.

Já durante a segunda metade do século XX, pode-se verificar que as crises econômicas e sua conseqüente redução da taxa de crescimento mundial contribuem para colocar em questão o padrão *Welfare State*² de regulação da sociedade, sob o argumento de uma suposta crise fiscal³. A esses fatos aliam-se o desmoronamento das experiências de socialismo de estado e o avanço da ofensiva liberal-conservadora. Segundo Antunes (2001, p. 42) como conseqüências têm-se a redução do proletariado estável; o aumento do subproletariado, que são os trabalhos precarizados; a ampliação de mão-de-obra feminina; uma significativa “exclusão” dos jovens e dos idosos do mercado de trabalho; a precoce e criminosa inserção de crianças no mercado de trabalho; como também um crescente aumento da criminalidade.

Ressalta-se, ainda, que todas essas mudanças ocorrem num mundo altamente interconectado tanto na dimensão econômica quanto na dimensão social, política e cultural. Como enfatiza Santos (2000), a globalização aparece como ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista, e como expansão acelerada do reino da escassez há a introdução da “questão do pobre” nesse mundo globalizado. Neste contexto, os valores se uniformizam ao mesmo tempo em que buscas fundamentalistas e racistas procuram resguardar, de forma autoritária e violenta, as identidades de grupos sociais.

É importante notar que todos esses processos perpassam o município de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. Apesar dessa cidade possuir uma rede de proteção social acima da média nacional, verificam-se indicadores sociais contrastantes. É possível observar a existência de graves problemas associados à alta concentração de renda e à pobreza absoluta. Esse contraste fica nítido mesmo no *site* da prefeitura municipal, no qual podemos visualizar que, apesar de atualmente a renda *per capita* do município ser de aproximadamente R\$ 6,2 mil por ano,

15,32% (que corresponde a 70 mil habitantes) vive com menos de R\$ 100,00 por mês. Nesse contexto, verificam-se várias comunidades em Juiz de Fora vivenciando graves problemas sociais, excluídas socialmente, situadas à margem do mercado formal de trabalho e submetidas a condições precárias de sobrevivência (saúde, educação, moradia, saneamento etc.), bem como excluídas do acesso aos canais de participação política, impossibilitando a construção de alternativas concretas da população para alterar sua situação de vulnerabilidade.

Verifica-se, como uma dessas populações vulneráveis, a “Comunidade Campinho”, localizada na periferia de Juiz de Fora, no bairro Vila Ideal desde a década de 90, quando o desabamento de uma encosta na Vila Olavo Costa, bairro vizinho à área, deixou várias famílias desabrigadas. O processo de formação da comunidade se configurou a partir da ocupação espontânea e irregular de um terreno público onde antes funcionava um campo de futebol (originando o nome com o qual o local ficou conhecido). Os habitantes vivem em loteamentos irregulares e de invasões, tendo um histórico de rejeição pelos demais moradores do bairro devido à sua condição irregular de habitação, permeada ainda pelos mais variados traços de exclusão e situações de risco social.

A situação atual que se verifica junto aos moradores da Comunidade Campinho é, portanto, fruto do processo de ocupação da área, marcado pela marginalização social dos ocupantes. Os contrastes, sobretudo aqueles de cunho social, fazem dos moradores desse espaço, para além de uma população pertencente ao Bairro Vila Ideal, uma subclasse, considerada por órgãos públicos locais como uma Área de Especial Interesse Social⁴ (AEIS) da cidade.

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Dentre as atividades de maior expressão na comunidade encontram-se as ações recreativas com as crianças e adolescentes. Tendo em vista as atividades já realizadas

no ano de 2007, surgiu a proposta de elaborar um estudo que poderá servir como tentativa de compreender as participações adotadas pelas crianças nas atividades do projeto, bem como revelar pistas para novos estudos de projetos comunitários, vislumbrar novas possibilidades de atuação e pesquisa, promover crescimento profissional da equipe técnica, bem como abrir espaços para re-discutir as necessidades de autonomia e senso crítico dos habitantes.

Realizar este estudo é, portanto, fundamental para dar voz à comunidade em situação de risco, divulgar as angústias das quais ela sofre, lutar pelos direitos que tem e que não são respeitados, visar a transformação crítica dos sujeitos e subsidiar as discussões sobre as intervenções profissionais em projetos sociais de extensão em locais de vulnerabilidade social.

Assim, numa tentativa de constatar para compreender as condições de vulnerabilidade às quais se encontram expostas, pretende-se identificar as perspectivas das crianças da Comunidade Campinho, analisando diferentes formas de representação do trabalho realizado, dos atores sociais e de si mesmas, segundo as significações das próprias crianças. Desse modo, busca-se, neste ensaio, perceber e compreender a percepção que as crianças possuem das atividades desenvolvidas; constatar e compreender as formas de organização/participação das crianças nos jogos recreativos propostos no projeto e as influências que esses jogos recreativos têm sob seus jogos sociais, bem como a representação dos atores sociais envolvidos – eles, os amigos e os integrantes do projeto.

Optou-se por realizar uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo. Utilizaram-se como instrumento de coleta de dados 12 desenhos produzidos pelas crianças (7 a 12 anos) e observações da equipe registrada em diários de campo. Como referencial de análise dos dados, optou-se pelo método materialista-dialético⁵. Com essa abordagem metodológica, pretende-se a apreensão do caráter histórico que envolve o objeto desta pesquisa.

Desse modo, três categorias de análise emergiram no presente ensaio: o entendimento que as crianças participantes possuem das atividades realizadas e a influência dessas atividades em seus jogos sociais; as formas de participação e contribuição das crianças nas atividades desenvolvidas; a representação dos integrantes do projeto diante da realização de tais atividades.

ANÁLISE DOS DADOS

Conforme supracitado, o desenho foi um dos instrumentos utilizados na presente avaliação. Optou-se por essa forma de manifestação porque, segundo Sans (2001), o desenho é uma forma de expressão constante em todas as crianças⁶. Para Vygotsky (1991), o desenho deve ser interpretado como um estágio preliminar do desenvolvimento da linguagem escrita, estágio este entendido mais do que como uma simples antecedência temporal; o desenho, sendo linguagem gráfica e também gesto, carrega e materializa o simbólico, significa alguma coisa para si e para o outro, acompanhando a fala e sendo permeado por ela, num processo decisivo para o desenvolvimento da escrita.

Como tema do desenho, foi pedido que representassem o que mais lhes agradava em nossas visitas. As crianças sentaram-se e organizaram-se no salão paroquial como quiseram, algumas ocuparam as mesas e cadeiras e outras sentaram-se no chão. O tempo não foi estipulado e a equipe não interferiu na realização do desenho, nem na partilha do material, restringindo-se a responder os questionamentos das crianças baseados nas informações anteriormente repassadas. Algumas crianças fizeram, durante a execução da atividade, comentários sobre os desenhos umas das outras.

É importante notar que as crianças realizaram essa atividade com muita concentração e dedicação, algumas, inclusive, solicitaram outras folhas, por considerarem que o desenho estava feio. Tais observações, pautadas em uma

perspectiva materialista-dialética, buscaram visualizar o comportamento das crianças enquanto inserido no contexto das atividades propostas, da relação dialética que elas mantinham com os sujeitos envolvidos e, sobretudo, da situação comunitária/social em que vivem.

A partir dos dados obtidos, algo que chama a atenção, numa primeira observação, é a certa dificuldade de algumas crianças em representar, em forma de desenho, o tema proposto. Algumas crianças, na tentativa de seguir as orientações propostas, exprimiram sua preferência em forma de texto, utilizando o desenho como pano de fundo (Desenhos 1, 3, 8, 9, 10).

Poucas relataram no próprio desenho figuras ligadas às atividades que gostam quando a equipe técnica do projeto os visita (nos Desenhos 1, 2, 7, 8, 10 e 12, por exemplo, encontramos desenhos de bambolês, atividade praticada no mesmo dia da atividade mencionada, bem como atividades anteriormente realizadas). Grande parte dos temas relatados concentrou-se nas atividades desenvolvidas no dia da aplicação do instrumento (brincadeiras com bambolê e desenho).

Em muitos desenhos encontramos recados aos membros da organização do projeto (Desenho 1, 6, 8, 9 e 10). Isso denota que as crianças demonstram-se bastante apegadas aos mesmos e às atividades propostas, apresentando-se atenciosas e afetuosas.

A maioria dos desenhos, entretanto, continha elementos alheios à visita dos integrantes, como sóis, nuvens, flores e corações, grande parte deles com esboços de rostos humanos (Desenhos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12). Houve ainda um desenho contendo uma manifestação de apego a um time de futebol (Desenho 3).

Verificou-se, portanto, que apesar de se encontrarem em idade escolar, várias crianças não foram capazes de atender à proposta apresentada, limitando-se a desenhar outros temas. Mesmo autores embasados no materialismo, como Vygotsky (1987), ao discutirem as perfor-

mances escolares das crianças e seu desenvolvimento, a partir da visão genética e desenvolvimentista do desenho, defendem o pressuposto de que as etapas através das quais as crianças passam em seus desenhos são mais ou menos comuns para determinadas idades, mas esse tipo de comportamento não é, em geral, considerado comum para a faixa etária das crianças estudadas.

Para Hammer (1981), existem categorias de análise de desenhos que nos permitem interpretar o sujeito. A primeira delas refere-se à seqüência das figuras e mostra o sexo mais importante para o sujeito. Nesta categoria percebe-se, ao observar os desenhos, que não há demarcação e/ou identificação do sexo do autor do desenho apenas pela sua representação.

Outra categoria é a comparação entre as figuras que mostram as informações a respeito das atitudes psicosssexuais, característica também pouco observada, tanto no desenho quanto nas observações registradas nos diários de campo.

Assim, nota-se a dificuldade de representação das questões de gênero, ou seja, da percepção que as crianças têm de si mesmas, outra categoria identificada por Hammer. Para o autor, a descrição da figura mostra os detalhes que o sujeito dá de si mesmo. Nesse caso, observa-se a ausência de referências pessoais e da própria existência em si, pois apenas o desenho 11 possui representação de uma pessoa.

O tamanho do desenho, segundo Hammer (1981), mostra a relação do sujeito com o meio ou entre os sujeitos e as figuras parentais. Nessa categoria, observa-se que os desenhos ocupam ou tendem a ocupar todo o espaço oferecido, ainda que com figuras alheias ao desenho, ou proposto em si para a atividade. Isso pode facilmente relacionar-se com a quinta categoria de análise, que se refere às distorções e omissões que demonstram as inseguranças do sujeito. Nesse caso, nota-se nitidamente a insegurança das crianças, que, mesmo não entendendo o proposto, afirmaram ter compreendido e não solicitaram informações adicionais.

As outras categorias são o movimento, que mostra as tensões cinestésicas; e a grafologia, que aponta a noção de pressão, de direção, de continuidade, de angularidade e de ritmo de percepção de mundo. Nesta categoria de análise, percebe-se uma elevada ausência dessas categorias nos desenhos. Isto é, as crianças possuem dificuldades de se perceberem, como também de notarem o mundo à sua volta e a lógica das relações estabelecidas.

Procurando, no entanto, fugir de uma interpretação superficial, a qual poderia basear-se em suposições de simples deficiência cognitiva ou problemas psicológicos, para explicar a diferença entre esses resultados e os comumente “esperados” de crianças desta faixa etária, buscou-se aprofundar a análise, visualizando o contexto em que a atividade foi executada. Pelas observações, percebeu-se, que apesar da grande motivação que as crianças tinham em realizar a tarefa, houve uma dificuldade dos membros do projeto em conseguir atrair sua atenção para lhes passar as instruções da atividade.

Após distribuir as folhas de papel e dar as orientações iniciais (escrever nome e idade no verso da folha, ter cuidado com os lápis de cor emprestados de colegas), os coordenadores da atividade despenderam grande tempo apenas para conseguir que as crianças olhassem para eles e prestassem atenção nas instruções. Mesmo alcançando, após algum tempo, algum silêncio e atenção, verificou-se que as crianças, em geral, não denotavam grande preocupação em observar o que era proposto, estando mais concentradas no prazer e empolgação que lhes dava a atividade de desenhar. Ao término da atividade, no entanto, todas entregaram o desenho com entusiasmo.

Raras vezes foram observados comportamentos de desobediência consciente ou afrontamentos. Reações que poderiam ser caracterizadas como “indisciplina” foram, na verdade, entendidas como fazendo parte do comportamento “normal” das crianças, sem relação direta com o objetivo de desobedecer ou contrariar o outro. Ou seja, acredita-se que a explicação para a pouca atenção

em relação aos membros da equipe, demonstrada nessa atividade, assim como em outras, deve evitar enquadrar tais dificuldades em “problemas de comportamento” ou de conduta, tão comuns em encaminhamentos feitos para atendimentos psico-pedagógicos (PROENÇA, 2004).

Buscando uma apreensão mais apurada da realidade apresentada, sabe-se que o estudo baseado no materialismo dialético deve pretender “descobrir por trás dos produtos e das criações a atividade e operosidade produtiva, de encontrar a ‘autêntica realidade’ do homem concreto por trás da realidade reificada da cultura dominante” (Kosik, 2002, p.25). Isso possibilita a superação dos limites da imediatividade, ou do meramente epidérmico e superficial⁷. Assim, embasada numa observação crítica, pode-se então verificar neste comportamento das crianças, de fazer do desenho uma atividade livre, sem se concentrar nas instruções dos integrantes da equipe, um sintoma da situação em que estão acostumadas a viver, uma situação de ausência de uma cidadania plena, ou seja, de uma “competência humana de fazer-se sujeito, para fazer história própria e coletivamente organizada” (DEMO, 1995, p.1).

Kosik (2002) destaca a carência, na sociedade capitalista, de uma concepção de homem como sujeito histórico real, ou seja, aquele inserido e engajado no processo social de produção e reprodução, que cria a base e a superestrutura, forma a realidade social como totalidade de relações sociais, instituições e idéias (p. 52-53). Nessa sociedade, “a cotidianidade se manifesta como anonimidade e como tirania de um poder impessoal que dita a cada indivíduo seu comportamento, modo de pensar, gosto e seu protesto contra a banalidade” (KOSIK, 2002, p. 84). Para ele, a realidade social não é conhecida como totalidade concreta se o homem, no âmbito da totalidade, é considerado apenas e sobretudo como objeto, e na práxis-objetiva da humanidade não se reconhece a importância primordial do homem como sujeito.

Os moradores da Comunidade Campinho podem, portanto, ser enquadrados no que Freire (1966) chama, em sua análise dos graus de compreensão da realidade enfrentados pela sociedade, de “transitividade ingênua”, em que se verifica uma certa permeabilidade ao conhecimento, com maior poder de captação da realidade em relação à intransitividade completa, havendo ainda simplicidade na interpretação dos problemas, fragilidade na argumentação, explicações míticas, prática não propriamente do diálogo, mas da polêmica e da emocionalidade. Tal caracterização é típica da população urbana brasileira, e pode denotar certa forma de massificação.

Essa falta de criticidade, de tomada de consciência de si e do outro, pode ser observada nas crianças da comunidade através da sua dificuldade de concentração e de comunicação; da dificuldade de representação de conteúdos internos em formas gráficas; da dificuldade de representar o real, colocando, em seus trabalhos, influências da cultura na qual estão inseridas, elemento indicador da capacidade de observação e expressão plástica (SANS, 2001).

A dificuldade apresentada de representação de atividades não-ligadas ao tempo presente (aquelas realizadas no dia em que se deu o estudo) revela também a falta de historicidade na concepção de sujeito.

Podem-se observar, contudo, após certo tempo de trabalho no local, avanços consideráveis das crianças em seu processo de subjetivação, como, por exemplo, no aumento da comunicabilidade, no relacionamento com os outros, no desenvolvimento de raciocínio lógico etc. denotando certa contribuição da equipe que integra o referido projeto. A própria forma como encaram a atividade de desenhar, com tanta concentração e dedicação, revelando resultados tão plurais, pode revelar um caminho de conscientização e emancipação, pois, como lembra Sans (2001, p.55), “ao desenhar, a criança descobre suas próprias normas, numa íntima relação do ver, do saber e do fazer”⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se uma tentativa de compreensão da realidade de crianças de uma comunidade socialmente vulnerável do município de Juiz de Fora. A partir de uma análise materialista-dialética pretendeu-se constatar e compreender as formas de organização/participação das crianças nos jogos recreativos propostos no projeto, bem como analisar a representação desses jogos nos seus jogos sociais, identificando os avanços e entraves existentes para melhor planejamento, estruturação e organização das atividades e da própria equipe profissional.

Apesar de muitas limitações a serem superadas, pôde-se observar uma significativa melhora de sociabilidade entre as crianças a partir de intervenções pontuais da equipe. A limitação em se auto-representarem enquanto integrantes do projeto por meio dos desenhos demonstra dificuldade de aprendizagem e do próprio entendimento do que foi solicitado. Apesar disso, percebe-se o interesse e a dedicação em melhorar, a iniciativa para a construção do diálogo e a manifestação de suas emoções, dentre outros. Isso aponta um avanço na construção da autonomia e, quiçá, da cidadania emancipatória de tais sujeitos.

Resalta-se enquanto dificuldades metodológicas a inexperiência dos pesquisadores neste tipo de análise, embora a aproximação e afeto com as crianças tenha facilitado o desenvolver das atividades. Caberia, contudo, uma análise mais aprofundada, com mais elementos de pesquisa para elucidar alguns pontos em aberto e descobrir outros a serem explorados, gerando um conhecimento realmente dialético.

Nessa perspectiva, o planejamento das próximas atividades deverão abranger a continuidade do trabalho recreativo-educativo com as crianças e os adolescentes, como também ampliar as atividades oferecidas para incentivar a inserção dos que ainda não participam do projeto, principalmente os adolescentes do sexo masculino, que não se sentem atraídos pelas atividades realizadas.

Com os adultos, o diálogo e a interação já acontecem mais facilmente. Porém, assim como os adolescentes, a participação nas atividades realizadas é muito pequena. Pretende-se, assim, investir em um trabalho intenso de mobilização, visitando cada família, para traçar um diagnóstico, coletar as expectativas e convidá-los à participar das atividades desenvolvidas.

Outra atividade a ser enfatizada é a capacitação e interação da equipe, visto que realizar um trabalho com uma pluralidade de profissionais como esta requer muitas discussões, debates, troca de experiências e até mesmo partilha das angústias em relação ao projeto. Isso porque quando se elabora uma proposta para trabalhar com comunidades vulneráveis, com objetivos tão amplos, como autonomia, emancipação e plena cidadania de todos os indivíduos, não se tem sua materialização plena de imediato. É um processo que gera uma angústia muito grande na equipe, pois se tem a impressão de que nada foi alterado.

Desse modo, é necessário repensar não só o papel de cada profissional, mas o deste projeto de extensão, tendo em vista o contexto adverso em que este se insere, pois se forem nítidos o objetivo e a totalidade concreta em que este se insere, vislumbra-se a relevância desta ousada proposta de atividade de implementar uma possível emancipação humana, em uma sociedade capitalista regida pelo neoliberalismo.

Abstract

From experiences lived by integrants of the extension and research project "Social Inclusion of Campinho community", registered in drawings and field annotations, proposes a critical reflection

concerning the ways of inserting the children of this community in the project, as well as the actual results of the work developed there.

Key words: Campinho community. Construction of autonomy. Children.

NOTAS

- 1 Os principais elementos que sofreram esse redimensionamento são, segundo Netto (2001): "a) os preços das mercadorias (e serviços) produzidas pelos monopólios tendem a crescer progressivamente; b) as taxas dos lucros tendem a ser mais altas nos setores monopolizados; c) a taxa de acumulação se eleva, acentuando a tendência descendente da taxa média de lucro e a tendência ao subconsumo; d) o investimento se concentra nos setores de maior concorrência, uma vez que a inversão nos monopolizados torna-se progressivamente mais difícil; e) cresce a tendência a economizar trabalho 'vivo', com a introdução de novas tecnologias; f) os custos de venda sobem, com um sistema de distribuição e apoio hipertrofiado" (p. 20).
- 2 Modelo de Estado Capitalista que, "sem dispensar o papel clássico do mercado no capitalismo, pretendia colocar o bem-estar comum como marca democrática genérica, ao qual deveria servir o mercado, detendo o Estado função crescente previdenciária e assistencial" (DEMO, 1995, p 10).
- 3 Conforme análise de Behring (2003, p. 63), o que ocorre de fato é um escamoteamento das reais intenções de diminuir o custo do trabalho e dos gastos sociais, na medida em que o que temos é uma reorientação do fundo público para as demandas empresariais, ou seja, uma crise financeira que provoca uma crise fiscal devido ao aumento do gasto público com juros e serviços da dívida, e não uma crise fiscal ocasionada pelo aumento do gasto público em investimentos, custeios e transferências, desatrelada do aumento de receita.
- 4 Para fins de regularização urbanística e fundiária da administração pública do município, são consideradas Áreas de Especial Interesse Social (AEIS) todas as áreas identificadas como de ocupação subnormal. "Essas áreas caracterizam-se pela existência de assentamentos desprovidos dos padrões mínimos de infra-estrutura (água, luz e esgoto), acessibilidade e habitabilidade, o que as coloca numa situação de segregação social". (PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, 2004).
- 5 O materialismo dialético defende que qualquer tomada de consciência do ambiente exterior não é outra coisa senão o reflexo da realidade, que, por sua vez independe da consciência, das idéias, das representações e sensações dos homens.
Como advoga Resende (2007) sobre os Materialismo Dialético, os indivíduos dependem da sua relação com os outros para se constituírem. Todavia, ressalta que os elementos que influenciam a vida psíquica do sujeito não são abstratos e imutáveis.
- 6 Para Sans (2001), "o desenhar para a criança é tão natural como qualquer outra atividade. O que importa para ela é o momento da ação. Assim como brinca, associa, simboliza, ela desenha de forma espontânea" (p. 20).
- 7 Outra categoria central, para Kosik, seria a destruição do mundo da pseudoconcreticidade: "A dialética não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, todo o conjunto do mundo material reificado, como algo originário e independente. Do mesmo modo como assim não considera o mundo das representações e do pensamento comum, não os aceita sob o seu aspecto imediato: submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua

fixidez, naturalidade e pretensa originalidade, para se mostrarem como fenômenos derivados e mediatos, com sedimentos e produtos da práxis social da humanidade” (KOSIK, 2002, p.21).

⁸ Ainda segundo Sans (2001), podemos refletir que, no desenho, “é de modo espontâneo que as crianças simplificam e sintetizam a cena retratada. (...) --A criança tem um senso de observação aguçada, pois, em diversos momentos, ela chama a atenção de pormenores não observados pelos adultos. E, no momento em que desenha, age com grande concentração, colocando somente aquilo que lhe interessa.” (p. 21).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *A Cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48.

BEHRING, Elaine R. *Brasil em contra-reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos*. São Paulo: Cortez, 2003.

DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e Cidadania Assistida*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

HAMMER, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista*. 3. ed. Ampliada – São Paulo: Cortez, 2001.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. Constituição dos processos de simbolização: limites e possibilidades. In: *Anais da III Conferência de Pesquisa Sócio-Cultural*. Campinas, SP: 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1300.doc>>. Acesso em: 15 Jan. 2008.

PEREIRA, A. V. *Há Fé na Terra da Razão*: Livro-reportagem sobre o Projeto Universidades Renovadas. 2003. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur24>>. Acesso em: 15 Jan. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Disponível em <<http://www.pjf.mg.gov.br>> Acesso em 19 setembro de 2007.

PROENÇA, Marilene. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, Adriana Marcondes

e PROENÇA, Marilene (orgs). *Psicologia Escolar: em busca de Novos Rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

RESENDE, A. C. de A. Da relação indivíduo e Sociedade. *Educativa*. Goiânia: v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 29-45

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *Pedagogia do desenho infantil*. Campinas: Átomo, 2001.

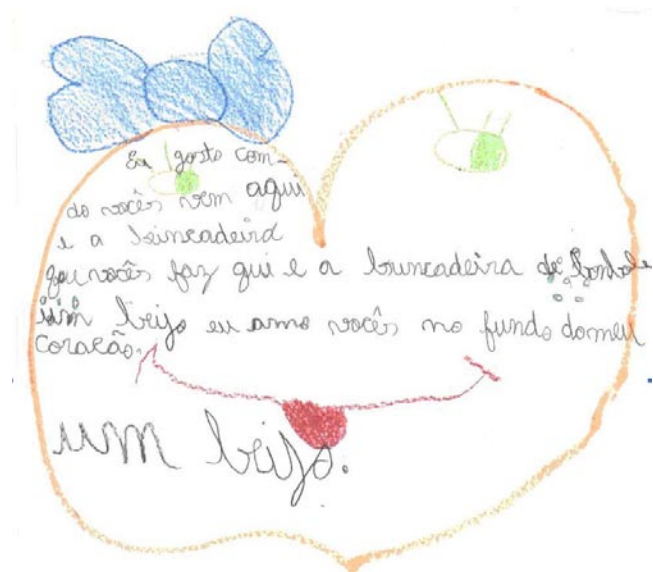
SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.

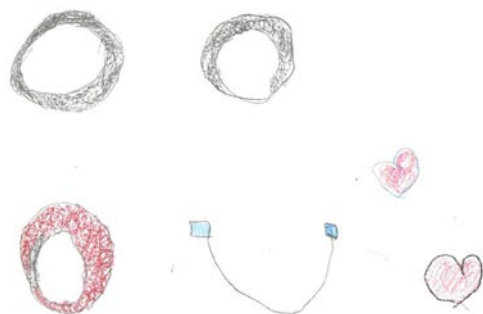
_____. *Imaginación y el arte en la infancia*. México: Hispánicas, 1987.

ANEXOS

Desenho 1 - G.K., 9 anos, sexo feminino



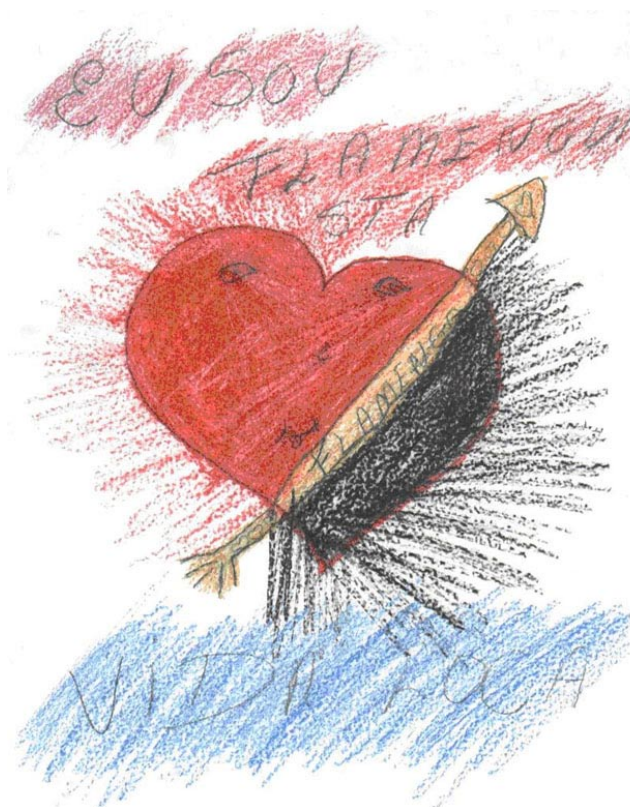
Desenho 2 - C., 8 anos, sexo feminino



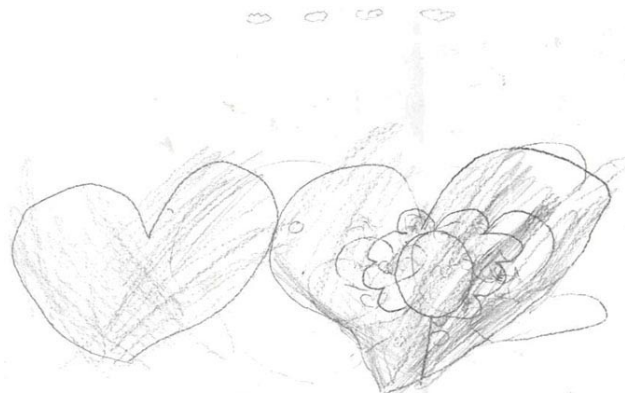
Desenho 4 - C.D., 7 anos, sexo masculino



Desenho 3 - N., 11 anos, sexo feminino



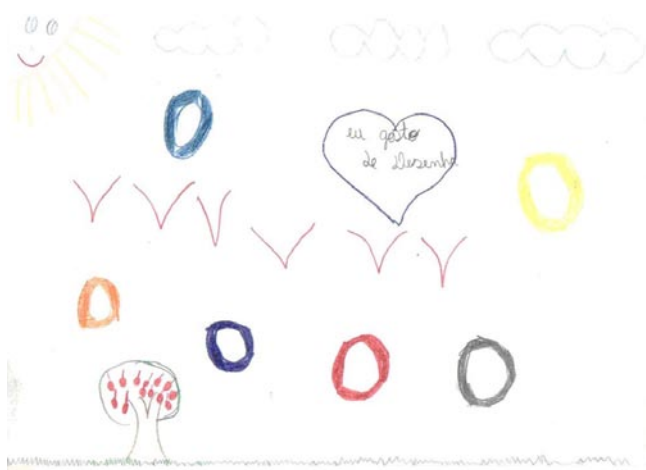
Desenho 5 - E., 7 anos, sexo feminino



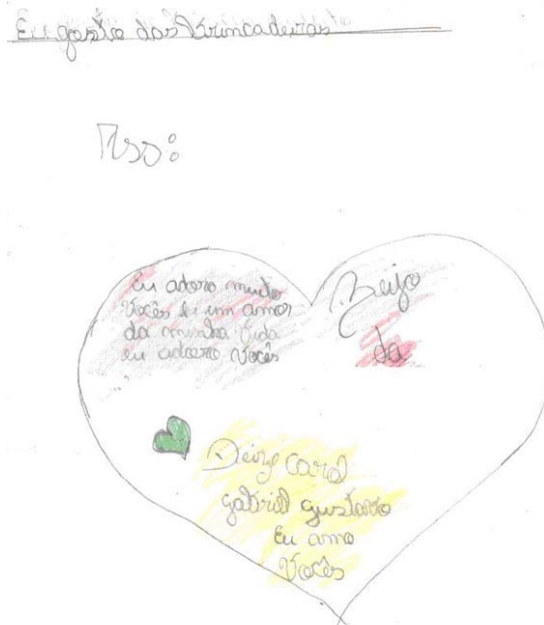
Desenho 6 - P., 7 anos, sexo feminino



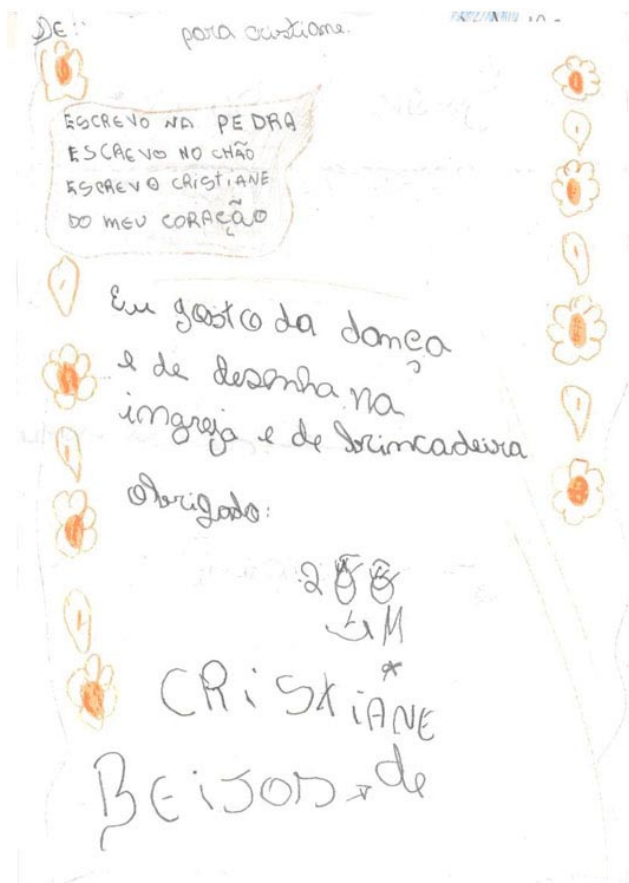
Desenho 7 - N., 7 anos, sexo feminino



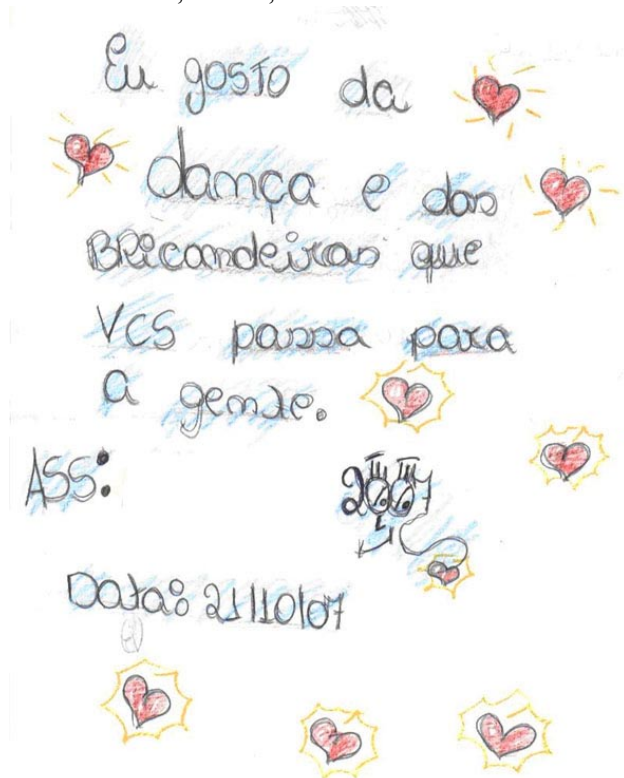
Desenho 9 - B., 10 anos, sexo feminino



Desenho 8 - M., 10 anos, sexo feminino



Desenho 10 - B., 11 anos, sexo feminino



Desenho 11 - C.C., 5 anos, sexo masculino



Desenho 12 - D., 7 anos, sexo feminino



Enviado em 22 de janeiro de 2008
Aprovado em 01 de maio de 2008

